FORTALEZA-CE, DOMINGO, 16 DE NOVEMBRO DE 2008.
WWW.OPOVO.COM.BR
ZELMA MADEIRA - professora Assistente do Curso de Serviço Social da UECE. Mestra e doutoranda em sociologia na UFC
Página 7. Caderno Vida e Arte.

A mulher negra e a religião

Matriz africana – focos de resistência e origem de estratégias de insubordinação simbólica ou real das mulheres negras. A professora Zelma Madeira analisa as mulheres no campo religiosos de matriz africana.

Diante do processo de escravidão restava à população negra criar formas de sobrevivência, adaptando-se aos esquemas postos. Foi de muita relevância o campo religioso. Por meio da religião a mulher negra assumiu uma liderança, com o propósito de reorganizar a família negra, perpetuar a memória cultural e garantir a permanência do grupo, de forma alternativa e justaposta à sociedade abrangente. Historicamente a mulher negra ficou exposta a condições mais adversas possíveis. A mulher negra realizou inumeráveis atividades: trabalho doméstico, cuidado com as crianças, vendas e trocas no mercado de bens materiais e simbólicos, que muito contribuíram para edificar essa nação. Podemos considerar os quilombos, mas também as irmandades religiosas, focos da resistência, manutenção e adaptação das diferentes tradições africanas. As Irmandades religiosas foram instituídas pela igreja católica, oficialmente liberadas e estimuladas entre a população negra. Nestes espaços é contagiante a presença das mulheres, que puderam ocupar importantes posições hierárquicas. As irmandades que mais se destacaram no Brasil foram: Nossa Senhora do Rosário, da Boa Morte, São Bento, Nossa Senhora dos Remédios, Senhor Jesus dos Martírios, São Benedito dentre outras. As irmandades religiosas realizavam atividades como procissões, festas, casamentos, coroação de reis e rainhas, atividades sociais como ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, visitas aos prisioneiros, concessão de dotes, proteção contra maus tratos dos escravocratas e auxílio para a compra de cartas de alforrias, garantia de enterro para os escravizados. Propiciavam a população negra momentos de lazer, diversão e convívio social. A religiosidade de matriz africana (calundu, catimbó, candomblé, umbanda, batuque, xangô, tambor de mina, cabula, dentre outras) foi considerada para o povo escravizado uma das formas de resistência cultural e em defesa da continuidade de seus valores éticos e culturais. Revivendo e recriando contos, lendas, mitos, e recriando o patrimônio civilizatório africano na Diáspora africana. As religiões de matriz africana como o Candomblé contou com a participação das mulheres negras, que viam na sua ancestralidade a espiritualidade religiosa uma forma para, por meio de mitos, símbolos e rituais, lutar contra o jugo colonial, a escravidão e o racismo. Retiraram da religião estratégias diversas de insubordinação, simbólica ou real, o que lhes oferecia a possibilidade de criar mecanismos de defesa para a sobrevivência e conservação de seus traços culturais de origem. Trata-se das Ialorixás ou Mães-de-santo, as lideranças femininas, sacerdotisas, zeladoras ou iniciadoras dos demais praticantes na religião. A mulher negra teve a capacidade de

superar as dificuldades no curso da vida, tanto na sua atuação no papel de mãe, dentro da instituição família mesmo nos limites da escravidão, bem como nos espaços sócio-religiosos, possibilitando a preservação das suas identidades mediante as vivências das tradições. >> Zelma Madeira, professora Assistente do Curso de Serviço Social da UECE. Mestra e doutoranda em sociologia na UFC